

7304

7304

DISCURSO,  
EM QUE SE TRATA

O

ELOGIO DA NAÇÃO PORTUGUEZA,



Provas da superioridade do seu espirito, e caracter Militar, relativamente aos outros Povos da Península; commemoração das épocas em que o Amor da Independencia tem realçado o lustre, e gloria de suas proezas; e refutação de diversos argumentos allegados contra a possibilidade da defesa do Reino.

ESCRITO, E DEDICADO

A

NAÇÃO, E EXERCITO PORTUGUEZ,

POR

HUM OFFICIAL DO REAL CORPO DE ENGENHEIROS.



LISBOA:  
NA IMPRESSÃO REGIA.

ANNO 1811.

Com licença 7304 200 E

Autentado em:



DISCURSO  
EM QUE SE TRATA

... do ...  
...  
...  
...  
...  
...  
...  
...

ESCRITO E REVISADO

NA ACADEMIA DE CIENCIAS DE LISBOA

EM COMEMORAÇÃO DO ANIVERSÁRIO DE ...



LISBOA:  
NA IMPRESSÃO REGIA

ANNO 1871

Ca. 1871

N. B. A leitura do presente Discurso, ainda que escrito no anno de 1806, não deixará de interessar a todos os que amão a Honra, e Credito do nome Portuguez, e será mui util para animar a Nação na gloriosa lucta em que se acha empenhada. O seu Author o escreveu sem tenção de o dar ao Público, e sómente para ser visto pelos seus amigos, como hum ensaio dos seus estudos, como desafogo do resentimento produzido pelo menospreço com que os Militares Portuguezes forão tratados pelos seus Compatriotas depois da campanha de 1801; e para responder ás razões, que então se allegavão para criticar as despezas, que exigia a conservação, e melhoramento do nosso Exercito. Hoje a experiencia tem verificado o modo de pensar do Author. A gloria da Nação Portugueza se acha restabelecida. Os Estrangeiros, e Nacionaes, que olhavão incontestavel a opinião, de que nada se devia esperar das nossas Tropas, achão-se reduzidos á confusão, e obrigados á admiração. He justo pois, que aquelles dos Portuguezes, que sempre pensárão a este respeito, conforme o verdadeiro espirito Nacional, e segundo as regras do bom senso, gozem da satisfação de mostrar victoriosa, e confirmada, pelos acontecimentos actuaes, a sua opinião fundamentada nas observações, e argumentos expostos neste Discurso, para contrastar a opinião daquelles, que ajuizavão mui superficial, e erradamente a respeito do caracter dos Portuguezes modernos: observações escritas em huma época anterior aos ultimos successos; mas que não dependião d'elles, para que a sua exactidão, e verdade, fosse reconhecida pelos homens sensatos, e imparciaes de todos os tempos, e de todas as Nações.



## P R E F A C I O .

**T** Alvez, que os meus poucos talentos não permittão, que eu consiga o principal fim deste Discurso, que se dirige a desabusar os Portuguezes incredulos sobre a possibilidade da nossa defesa, e esmorecidos pela pequenez de nossos recursos militares; mas espero merecer pelo menos a attenção daquelles, que estiverem persuadidos, de que em todos os tempos, a superioridade numerica dos combatentes, só tem sido huma condição necessaria para os fracos vencerem; raras vezes exigida pelos prudentes; e nunca pelos heroes, que tem praticado façanhas semelhantes áquellas, com que os Pereiras, os Menezes, os Gamas, Pachecos, Albuquerque, e tantos outros, adquirirão para o nome Portuguez a illustre fama, que ainda hoje resoa por todas as partes do Mundo. Eu me julgarei feliz, se esta parte dos meus Compatriotas, desculpando os defeitos deste escrito, e só fazendo justiça ás minhas intenções, recompensar o meu trabalho, honrando-me com a estima, que eu lhe desejo merecer.

---

---

Il vaut mieux courir le risque de faire une guerre malheureuse, que de donner de l'argent pour avoir la paix; car on respecte toujours un Prince, lorsqu'on sait qu'on ne le vaincra qu'après une longue résistance.

Montesquieu. *Grandeur, et Decadence des Romains.* Chap. XVIII.

He melhor correr o perigo de fazer huma guerra mal sucedida, do que dar dinheiro para ter a paz; porque respeita-se sempre hum Soberano, quando se sabe, que elle não será vencido senão depois de huma profiada resistencia.

Montesquieu. *Grandeza, e Decadencia dos Romanos.* Cap. XVIII.

---

---

## DISCURSO.

ESCRITÓ EM 1806.

**T**ENDO projectado expôr em huma Memoria a minha opinião sobre a influencia, que a natureza geographica do territorio Portuguez, pôde ter na sua defesa contra os inimigos que o atacarem da parte do Continente, e deduzir desta influencia os principios que me parece devem servir de fundamento ás nossas disposições defensivas permanentes, e passageiras, julgo necessario escrever primeiro as minhas observações sobre alguns argumentos, que, apesar de futeis, ou sofisticos, certas circumstancias tem revestido actualmente de muita consideração, e que poderiam ser allegados, senão para mofar do meu trabalho só pelo seu annuncio, ao menos para lhe diminuir a importancia, e attenção, que elle deve merecer, pela natureza do objecto.

Os successos da campanha de 1801, produzirão entre os nossos Compatriotas hum desalento, que talvez se deva considerar como o maior dos perigos, de que podemos ser ameaçados. Com effeito, quando huma Nação desconfia dos meios, de que pôde dispôr para a conservação da sua independencia, naturalmente os despreza, ou abandona; perde por isso toda a consideração entre os outros Povos, e mais tarde, ou mais cedo deve ser vergonhosamente subjugada pelos primeiros invasores, que se apresentarem. Examinemos pois as causas deste desalento, e desta desconfiança entre nós; e, procurando dissipar preocupações tão funestas, trabalhemos, quanto couber em nossas forças, para ajudar o Governo nos differentes esforços necessarios para salvar a Honra, e conservar a antiga, e gloriosa Independencia Nacional.

Depois da guerra de 1801, muitos Portuguezes consternados, por verem a inutilidade de hum Exercito, para cuja existencia, melhoramento, e conservação, havião contribuido nos ultimos annos com avultadas sommas, pertendião explicar as causas desta inutilidade com differentes razões mais, ou menos especiosas, e extravagantes. Affirmavão huns, què a impossibilidade de sustermos huma guerra contra a Hespanha, provinha de que a separação de todos os outros Povos da Peninsula submettidos a hum mesmo governo, era repugnante á ordem natural das cousas; pois não só a grande superioridade de forças, e meios offensivos da Hespanha, mas tambem a similhaça da linguagem, dos costumes, character, e clima das duas Nações parecião determinar a sua união Politica, e devião fazer cessar a independencia dos Portuguezes, que só havia tido lugar por effeito de circumstancias extraordinarias, que já se não devia esperar, que fossem tão frequentemente reproduzidas. Os sectarios desta opinião, para evitarem a objecção dos factos com que a experiencia de tantos seculos a podia contradizer, e destruir, citavão, para a confirmarem, a authoridade de alguns militares modernos de muita consideração, (1) que tem pertendido demonstrar (segundo os principios, sobre os quaes se funda hoje a arte de fazer a guerra) a inutilidade do valor, e disciplina, contra a superioridade do numero, ainda que indisciplinado; donde concluem elles, deve seguir-se a reunião voluntaria, ou forçada dos pequenos aos grandes Estados. Alguns attribuião a fraqueza das nossas operações militares á falta de numerario; e, sem advertirem se esta falta era absoluta, ou relativa, concluião decisivamente de hum tal principio a impossibilidade da nossa defesa. Em huma palavra, não se omittia observar, que o character da Nação havia degenerado; e que do Exercito, não sendo já composto de Portuguezes do mesmo espirito, valor, e character dos que viverão nos seculos passados, não se devião esperar as proezas, e esforços de que precisava-mos para a conservação da nossa Independencia.

---

(1) Vêde o novo systema da guerra moderna por hum Official Prussiano, e as Memorias militares do General Lloyd, particularmente a nota da pag. 337.

Taes erão, e ainda hoje (\*) são as razões, pelas quaes huma grande parte dos nossos Compatriotas pertende demonstrar como irremediavel o nosso abatimento militar. A ignorancia pôde na verdade achar semelhantes razões plausiveis, ou vantajosas, para desculpar erros, que tem nella a sua origem: os egoistas, e os pusillanimes podem empregal-as utilmente, para arredarem de si os incommodos, e perigos de que huma defesa resoluta costuma ser acompanhada; em huma palavra, os traidores acharão nestes sophismas hum excellente meio para desanimar a Nação; inspirar-lhe o desprezo do Exercito; desarma-la, envilece-la aos seus proprios olhos, e concluir por este modo os seus fins, entregando-a sem resistencia aos inimigos. Mas todo aquelle, que for sensivel á gloria, que adquerirão para o Nome Portuguez os nossos Antepassados, procurando distinguir a verdade real da verdade apparente; e examinando na Historia a origem das revoluções moraes, e politicas, isto he, as causas, que tem influido, e costumão alterar o genio, e caracter dos differentes Povos, não achará motivo para desesperar da salvação da Patria, e poderá combater, e destruir os precedentes argumentos com outros deduzidos das seguintes reflexões geraes, que eu vou apontar sómente.

He verdade, que o Reino de Portugal, he considerado pelos Geografos, como parte integrante da Peninsula, ou Paiz mais occidental da Europa, conhecido pelo nome de Hespanha. A igualdade do clima, a similitude de costumes, e linguagem dos Portuguezes, e Hespanhoes, assim como a sua reunião politica debaixo de hum mesmo governo em differentes épocas, faz mui plausivel, e natural, huma similitude consideração. Mas quem lêr com reflexão a Historia destas duas Nações, reconhecerá huma differença notavel entre ellas, derivada principalmente da tendencia, que a Portugueza tem mostrado em todos os tempos para a sua separação politica dos outros Povos da Peninsula; tendencia, que, ou deve provir, ou deve formar a base de hum genio, e caracter particular a esta ultima Nação, ainda que á primeira vista pouco perceptíveis.

---

(\*) Note-se que isto foi escrito em 1806.

Lancemos os olhos sobre a Historia antiga, e omittin-  
do aquella primeira parte, que a boa critica nos deve fazer  
considerar antes hum tecido de fabulas, do que huma nar-  
ração de factos verdadeiros, principiemos a fixar a nossa  
atenção desde os primeiros estabelecimentos dos Carthagi-  
nezes, que succedêrão aos Phenices no Commercio, e domi-  
nação da parte da Hespanha visinha ao Mediterraneo. Par-  
tindo desta época, em que os Historiadores começão a for-  
necer-nos noticias mais apuradas sobre o caracter, e succes-  
sos dos differentes habitantes da Hespanha, descrevendo as  
guerras dos Carthaginezes, e Romanos, e a resistencia que  
huns, e outros encontrirão para se estabelecerem neste Paiz,  
nenhum Povo se nos mostra mais guerreiro, nem mais cons-  
tante no amor da Independencia, e da Liberdade, do que  
o da Lusitania, de que Portugal fazia a principal parte. Os  
Carthaginezes depois de vencidos por elles muitas vezes,  
conhecendo a difficuldade de os subjugar pela força, se apro-  
veiurão habilmente do seu caracter docil, ganhando a sua  
benevolencia, e amizade, alliando-se estreitamente com el-  
les, e empregando-os com utilidade na Conquista da Hesp-  
anha Oriental, assim como nas guerras de Italia, e Africa.  
Fieis ás suas promessas, os Lusitanos, expondo-se a todas  
os perigos, para susterem os seus alliados contra os Roma-  
nos, derão provas assás evidentes de quanto era voluntaria,  
e não forçada, a sua união com os primeiros; e principal-  
mente quando ainda mesmo depois de ter succumbido a gran-  
de rival de Roma, sem terem outro auxilio senão a sua co-  
ragem, e o seu odio natural contra a dominação extranha,  
ellos ousarão por tantas vezes arrostar-se com as Legiões,  
capitaneadas pelos Scipiões, Catões, Lucios Emlios, Pom-  
peos, Marios, Metellos, Julios, e Augustos Cesares. Con-  
batendo com hum valor extraordinario, e huma constancia  
pasmosa, quasi sempre sem o concurso dos outros Povos da  
Hespanha, elles resistirão, expulsarão, ou reduzirão á ulti-  
ma extremidade os seus poderosos inimigos. Os Povos da  
parte Oriental, e Meridional da Peninsula, ou seduzidos  
pelas vantagens do commercio, ou degenerados do caracter  
Nacional, por terem mais communicação com os Conquista-  
dores, não julgavão que fosse possível sacudir o seu jugo;  
e, senão erão indifferentes, ao menos parecião mais dese-

jar, do que sentir, que elles dominassem o resto do Paiz. Aquelles da parte Septentrional, fiados na inaccessibilidade das suas montanhas, erão ainda muito rusticos, e tinham mui poucas relações com os outros habitantes, para que lhes importassem as consequencias de huma invasão, que elles erão incapazes de prever. Os Lusitanos meio civilizados, e occupando hum terreno mais accessivel ao inimigo pelo mar, e pelo interior da Hespanha, não deverião por isso resistir muito tempo a guerreiros tão formidaveis pela sua coragem, pela sua disciplina, e reputação, se no character, e bravura que lhes erão naturaes, e particulares, não existisse o fundamento, e origem, das illustres façanhas com que elles inutilisárão por tantos tempos os terriveis esforços das Legiões Romanas, empenhadas em os subjugar: character, e bravura que tinham por base o *Amor da Patria*, e huma excessiva *paixão pela Independencia*, que sempre os distinguio de todos os outros Povos da Hespanha, segundo a confissão dos proprios Historiadores inimigos. Quando taes sentimentos erão ao mesmo tempo dirigidos pelos Apimannos, pelos Veriatos, e Sertorios, então Roma, já tão poderosa, e formidavel ao antigo mundo, via os seus melhores exercitos successivamente derrotados; as suas conquistas perdidas; e não achando nos talentos dos seus Consules remedio efficaz para suster as victorias, e a vingança dos Lusitanos, recorria a meios infames, á perfidia, á traição, para inutilisar, e enfraquecer os esforços heroicos, que fazia este Povo pela conservação da sua Liberdade (2). Em huma palavra, foi preciso a fortuna, a sabedoria, e poder de Cesar, e de Augusto, para que elle fosse inteiramente subjugado; e todos sabem que a politica, a prudencia, e generosa affabilidade destes dous homens extraordinarios, foi talvez o que mais contribuiu para que os Lusitanos se sujeitassem a huma dominação por tanto tempo disputada, e repellida.

Se os Astures, e Cantabros forão os ultimos habitan-

---

(2) He facil de perceber, que eu me refiro principalmente neste lugar, aos assassinatos de Veriato, e Sertorio, que tanto deshonrarão as Legiões Romanas.

res da Peninsula submettidos pelos Romanos, tambem forão os ultimos atacados: se a sua resistencia fez espantar os vencedores da Lusitania, e excitou o empenho de Augusto para os subjugar, a natureza do Paiz, o mais inaccessible de toda a Hespanha, diminue certamente a gloria desta resistencia, a qual sim fez recear aos Romanos hum ataque, e conquista mallogrados; mas não foi tão longa, nem os ameaçou com a sua expulsão da Hespanha, como lhes aconteceo nas differentes épocas da dilatada guerra, que foi necessaria para subjugar os Lusitanos.

Todos os Povos da Peninsula reunidos então pela primeira vez debaixo de hum mesmo governo, tomárão insensivelmente os costumes dos seus dominadores; degenerárão com elles, ou amortecêrão os sentimentos nacionaes, e caracteres particulares, que os distinguão. Alguns seculos depois, não podendo lisonjear-se da sua Independencia, elles forão indifferentes, se he que não estimárão, a invasão dos Barbaros, que, expulsando os Romanos da Hespanha, parecião vingar os seus habitantes da antiga injuria de haverem sido por elles subjugados. Além disto os Godos, adoptando a religião, e costumes destes mesmos habitantes, conciliárão em breve tempo a sua estima; formárão com elles hum só Povo, e assegurarão principalmente com taes procedimentos o seu império neste Paiz. Não succedeo porém o mesmo quando trezentos annos depois, os vicios, e indolencia dos Reis Godos permittirão aos Mouros de Africa a invasão, e conquista rápida de quasi toda a Hespanha. Estes novos dominadores, conservando as suas leis, religião, e costumes oppostos aos dos Povos submettidos (que devião porisso ser desprezados) derão lugar áquella antipathia, que fez reviver nestes ultimos o amor da Patria, e da Liberdade. Os habitantes das Asturias, e da Navarra achárão nas difficeis montanhas do seu Paiz, hum grande meio para se esquivarem ao novo jugo que os opprimia: a Catalunha, e Aragão recebêrão a sua liberdade de Carlos Magno: os Portuguezes, que habitavão hum terreno menos forte pela natureza, e mais exposto ás invasões terrestres, e maritimas dos Africanos, não tinham para conseguir o mesmo fim senão a intrepidez, e o amor da Independencia, que sempre os tinha caracterizado. Mas como se persuadissem, que só

expulsarião os Mouros do seu territorio, para ficarem sujeitos á dominação dos Reis de Oviedo; porisso os seus primeiros esforços para recobrem a liberdade, a pesar de serem algumas vezes auxiliados, e dirigidos por estes ultimos Soberanos, erão, ou de pouco effeito, ou brevemente inutilizados pelos seus numerosos inimigos.

Mas apenas o Conde D. Henrique fez conhecer aos Portuguezes, que tinham hum Governo separado; e erão dirigidos por hum Principe sabio, logo se reproduzirão entre elles os sentimentos, e virtudes proprias do caracter Lusitano. Assim aquelles, que debaixo do commando de seu filho Affonso Henriques, ganhãrão a memoravel batalha do Campo d'Ourique, erão já outros tantos heroes, a quem a gloria das Victorias não podia contentar, se ellas lhes não assegurassem a sua Liberdade. Porisso as Cortes de Lamego erão necessarias para acabar o começado nos Campos de Ourique. O verdadeiro caracter, e espirito Nacional, alli se manifestãrão bem como no tempo dos Veriatos, e Sertorios; isto he, pelo modo, que era proprio de hum Povo, que não tinha cousa alguma, que mais prezasse, do que a sua Independencia; e cujos corações parecião maiores do que elle mesmo, quando se tratava de a defender, e conservar.

*« Nós somos livres, (exclamãrão os Deputados da Nação naquella assembléa) o nosso Rei he livre; as nossas mãos a nos libertãrão; aquelle, que consentir em dominio alheio, a morra; e se for o proprio Rei, não reine, e perca o Senhorio. (3)*

Brevemente os que havião pronunciado este voto energico, e tão solemne, mostrãrão que não era huma vã formalidade, que o havia dictado. Elles, e os seus descendentes, tendo para combater as forças dos Mouros de Hespanha, e Africa, forão tambem repetidas vezes atacados pelos Reis de Leão, e Castella, por motivo da pretendida vassalagem que delles se exigia. Mas pertenções de similhante natureza, que sempre havião indignado os antigos Lusitanos, e dado origem ás grandes acções de heroismo, com que el-

---

(3) Vêde a Europa de Faria; a Monarquia Lusitana; a Historia de Portugal por Damião Antonio, etc.

les por tantas vezes as fizerão desvanecer, continuarão entre os Lusitanos Modernos a excitar-lhes hum enthusiasmo que suppria á sua grande inferioridade numerica, que os fazia temiveis nos combates, e lhes procurava victorias gloriosas; de modo que, todas estas guerras, algumas das quaes erão infelizmente acompanhadas por dissensões domesticas, longe de abaterem a pequena Monarquia ainda nascente, não fizeram mais do que fortifica-la; terminando por fim com a inteira expulsão dos Mouros do territorio Portuguez, com o reconhecimento da sua Independencia pelos poderosos visinhos, que a contestavão; em huma palavra, elevando a Nação ao estado prospero, e brilhante, que caracterizou os Reinados de D. Diniz, D. Affonso IV., e D. Pedro I.

No fim porém do decimo quanto seculo as guerras desastradas, e extravagantes, que havião precedido a morte d'ElRei D. Fernando, devião ter humilhado, e enfraquecido os Portuguezes: além disso as intrigas da Rainha D. Leonor com a principal nobreza; o descontentamento, e murmurações do Povo; a justiça, que parecia justificar as pertensões d'ElRei de Castella, casado com a filha unica do dito Rei Fernando; as forças com que elle apoiava estas pertensões, e os partidos em que o Reino se achava dividido, tudo devia então fazer acreditar, que Portugal receberia infallivelmente a lei do mais forte, e seguiria o destino commum a tantos outros Reinos da Hespanha, já reunidos debaixo de hum só Governo. Mas bem longe de tal acontecer, he desta mesma época, que os verdadeiros Portuguezes se recórdão mais ufanos, e deduzem hum novo testemunho do quanto são formidaveis, principalmente quando peleejão pela sua Liberdade; pois que a paixão Nacional pela Independencia, habilmente aproveitada, e dirigida pelo grande Rei D. João I. e pelo famoso Condestavel, não sómente foi a principal, e verdadeira origem das façanhas que então obramos, mas tambem a que fez desenvolver todas as virtudes guerreiras, e patrioticas, que attrahirão á Nação o respeito de que por muito tempo ella gosou em toda a Europa, e derão principio aos seculos brilhantes, em que mais florecerão (entre o estrondo das armas, e animadas pelas victorias) a litteratura, as artes, a industria, e commercio Nacionaes.

Com bastante razão porém se pôde dizer, que a Providencia, que regula a sorte dos imperios, se comprazia em que os Portuguezes fornecessem provas ainda mais incontesteis, de que huma ardente paixão pela Independencia, que lhes he innata, e hereditaria, supre a sua falta de forças, e de raios; he o principal fundamento das suas victorias, e o que dá motivo á confusão dos que ainda hoje não sabem comprehender como elles possam ter resistido por tantos seculos ao jugo de huma Potencia vizinha tão superior. Era preciso pois que tivesse lugar a imprudente, e infeliz expedição de Africa, por effeito da qual os Portuguezes parece que não perderão a sua Liberdade, senão para a recobramem com maior gloria pela famosa revolução de 1640. Com effeito, a flor da Nobreza morta, ou captiva na batalha de Alcacer; o governo do decrepito Cardeal Rei, que ajuntou a confusão á consternação do Reino; as intrigas dos emissarios Castelhanos; a irresolução dos cinco Governadores do Reino, que, parecendo justificar a legitimidade das pertencções do Rei de Castella, enfraquecia nos Povos a idéa de resistencia; em huma palavra a sentença que elles proferirão a favor deste ultimo Soberano, e a falta de chefes dignos da confiança da Nação; taes erão as circumstancias, que devião inutilisar os esforços dos Portuguezes, e entrega-los á discrição dos seus inimigos. Mas a fatal experiencia que tinham estes ultimos, de verem desvanecidas na pratica as mais bem fundadas esperanças de nos subjugarem pela força, os fez ainda assim mesmo tão demasiadamente receosos, que elles não ousarão empregar contra nós o seu poder, senão depois das seducções, e promessas feitas pelo Duque de Ossuna, e D. Christovão de Moura aos Tres Estados do Reino juntos em Cortes na Villa de Almeirim em 1580; confirmadas, e juradas depois pelo Monarca Hespanhol em Lisboa a 15 de Novembro de 1682. Forão, com effeito, estas promessas (talvez ainda mais do que as circumstancias já ponderadas), que illudindo, ou fazendo irresolutos os animos dos Portuguezes, permitirão aos Hespanhoes a entrada facil do Reino, sem acharem opposição, que lhes fizesse adquirir a gloria de huma conquista árdua. Assim mesmo porém continuou a lisongear-se quanto foi possivel a paixão, a que os Portuguezes erão mais sen-

síveis; e em consequencia nos differentes actos, e proposições legislativas do novo Governo, houve a cautela de não fallar na *sugeição*, mas sim na *união de Portugal á Hespanha*; as nossas leis, a nossa constituição civil, nos forão conservadas; privilegios extraordinarios fizeram celebre este acto de união, e servirão para disfarçar os grilhões, com que o prudente Philippe II. procurava unir para sempre Portugal aos seus Estados.

Mas quando os seus successores julgáráo desnecessarias estas contemplações, e se resolvêráo a infringir aquelles privilegios, tratando Portugal como huma Provincia conquistada, despresando as suas leis constitucionaes, e o *acto de união* que lhas tinha affiançado; os Portuguezes, obrando em consequencia do seu genio natural, devião reprehender a famosa revolução de 1640, por mais arriscada, ou temeraria que ella parecesse. Tudo concorria na verdade para fazer julgar impossivel, que elles se lembrassem de sacodir hum jugo, que, opprimindo os, lhes havia tirado ao mesmo tempo todos os meios de o evitar. Os Portuguezes daquella época havião quasi todos nascido Vassallos do Monarca Hespanhol, e costumados á *sugeição*, não tendo alcançado os tempos da gloria, e Independencia da sua Patria, devião por isso sentir menos a sua privação. Além disto, o Reino se achava falto de gente, cabedaes, armas, e munições; a sua marinha estava aniquilada; o seu commercio arruinado; as suas Colonias, abandonadas ás suas proprias forças, invadidas ou conquistadas pelos inimigos da Hespanha; os Portuguezes de consideração pela sua nobreza, e pelos seus talentos, ou apartados da sua Patria com differentes pretextos, ou reduzidos a viverem ignorados nas suas casas de campo. Todas estas circumstancias não deixáráo de ser ponderadas (4); mas não erão capazes de reprimir a indignação, e o entusiasmo Nacional, logo que Portuguezes reconhecerão que era só a força, e não os direitos de successão, nem o acto constitucional de 1582, que os ti-

---

(4) Veja se o Discurso de D. João da Costa, quando foi convidado para a Revolução de 1640; referido por D. Luiz de Menezes no seu *Portugal Restaurado*.

nhá unidos á Monarquia Hespanhola. A conformidade de pensar, e de proceder nesta occasião em todos os Povos do Continente Portuguez, e os das suas dispersas, e vastas Colonias (5), bastaria para demonstrar quanto he neiles natural o amor da Independencia. A constancia, e resolução com que elles encararão todos os perigos, e souberão sustentar hum tal projecto, erão proprias do sentimento heroico que o tinha feito conceber, e devião ter o resultado, que já não era novo nos fastos desta Nação. Assim depois de huma guerra dilatada, fieis ao célebre juramento pronunciado quinhentos annos antes nas Cortes de Lamego, elles obrigarão a Hespanha a respeitar, e a reconhecer pela terceira vez depois da Era Christá, a soberania da pequena Nação Portugueza; e demonstrarão serem ainda animados no meio do seculo decimo-setimo, dos mesmos sentimentos, que, no tempo dos Carthaginezes, e Romanos, tanto havião immortalisado, e distinguido os seus valorosos antepassados.

Ainda muitos outros factos da Historia poderião ser indicados como capazes de provar, que a Nação Portugueza tem no genio, espirito, e character que lhe he particular, os recursos, e os meios de que precisa para a conservação da sua Independencia, e para se equilibrar com a Monarquia Hespanhola, a pesar da grande disporporção Geografica dos seus respectivos dominios. Observar-se-hia por exemplo, que os Portuguezes forão os primeiros dos Povos modernos, que levando a guerra, e fazendo conquistas no Continente Africano, vingarão a injuria, que os Sarracenos, e Mouros havião feito á Europa, quando invadirão, ou submettêrão as mais bellas Provincias desta Região. A tomada de Ceuta, e Tanger, cortando as communicações directas entre os Mouros de Africa, e os de Hespanha, decidiu a favor desta ultima Potencia, a final expulsão dos Mouros de Granada. A sua marinha se distinguiu ao mesmo tempo não só da Hespanhola, mas entre todas as da Europa. Os inventos que elles fizerão, e a perfeição a que chegarão nas construcções

---

(5) Veja-se no Portugal Restaurado a promptidão, e facilidade, com que os Governadores das Colonias, principalmente os da Bahia, e Goa, acclamarão o Senhor Rei D. João IV.

navaes, nos instrumentos, e arte de navegar, lhes facilitarão a descoberta da Costa occidental da Africa, e reunindo á coragem a sabedoria, traçando hum projecto heroico, e executando-o com huma resolução, e constancia pasmosas, elles fizeram essa navegação unica nos fastos do genero humano, pela qual mostrarão a toda a Europa a comunicação maritima, e facil com os Povos numerosos até alli ou desconhecidos, ou que se julgavão separados de nós por obstaculos invenciveis. Portugal havia antes desta época tentado o reconhecimento por terra da India, e da Ethiopia. Quando, depois da passagem do Cabo da Boa-Esperança, os seus Capitães desenvolvião huma actividade extraordinaria, e talentos superiores para vencerem os obstaculos terrestres, e maritimos, que se oppunhão ao estabelecimento da sua dominação, e do seu Commercio naquelles Paizes, o Governo Portuguez não perdia de vista a descoberta do interior de Africa, e dando á Europa os primeiros exemplos das viagens, e investigações scientificas, e commerciaes, fazia procurar a travez daquelles áridos sertões, a comunicação terrestre entre as duas costas oriental, e occidental; fazia reconhecer a natureza, e produções daquelle Paiz incognito, e mandava explorar as origens do Nilo, para explicar o phenomeno das suas enchentes. O Grande Albuquerque, conquistando Goa, Ormuz, e Malaca, fazia voar com respeito o nome Portuguez pela Ethiopia, Indústão, Persia, e China; assustava o Soldão do Egypto, navegando hostilmente pelo golfo Arabico; assolando as suas Costas, ameaçando destruir Suez, Medina, e Méca; projectando mudar o curso do Nilo; e arruinando finalmente nestes mares as forças maritimas dos Arabes, e Turcos, os privou do immenso commercio, que fazião na India; acontecimento que, segundo a expressão de hum celebre Historiador Filosofo (\*), *salvou a Europa moderna de hum novo jugo barbaro, que se lhe preparava.*

Entretanto a Hespanha não devia a descoberta das suas possessões n' America senão a hum estrangeiro; e alguns annos depois foi o Portuguez Magalhães, que dobrando o ex-

---

(\*) O Abbadé Raynal.

tremo meridional do novo Mundo, lhe mostrou, bem como a toda a Europa, huma nova communicação com a Asia Oriental pelo mar Pacifico; terminando com a vida em huma das Ilhas de Manilha a ametade do grande circulo, que faltava para concluir a primeira navegação á roda do Globo, já principiada em huma direcção opposta pelos seus compatriotas ás ordens dos Gamas, e Abreus (6), e, adquirindo por este modo para a sua Patria a gloria de ter produzido o maior numero dos célebres navegantes, que por mares inteiramente desconhecidos, e arrostando immensos perigos, decidirão a incerteza dos sabios sobre a verdadeira theoria geographica do Globo terrestre; fizerão communicaveis os varios Povos dispersos sobre a sua vasta superficie; e fazendo communs a hum Paiz as producções, os conhecimentos, as riquezas, e os interesses de todos os outros, derão principio a esse rápido desenvolvimento, que desde então se observou nas sciencias, nas artes, e no commercio de todas as Nações (7).

Finalmente observaremos ainda, que os Hespanhoes não encontrarão n'America A'rabes guerreiros, que usassem contra elles das armas de fogo, e dos estratagemas militares da Europa, como succedia aos Portuguezes na India. A nave-

---

(6) Antonio de Abreu, destacado de Malaca por Affonso de Albuquerque, no anno de 1511, para reconhecer as Ilhas Molucas, chegou até á de Amboino; e Francisco Serrão, hum dos Capitães seus subordinados, foi o primeiro, que chegou a Ternate.

*Barras. Decad. 2.<sup>a</sup> L. 6. Cap. 7.*

(7) Se o Imperador Carlos V. illustrou a memoria de Sebastião Cano (hum dos officiaes, que da expedição de Magalhães conseguiu voltar á Europa pelo Cabo da Boa-Esperança) com huma medalha, na qual se via hum globo, e huma letra que dizia = *Primus me circumdediti* = com mais justa razão a Europa inteira deve ainda á Nação Portugueza hum testemunho glorioso de admiração, e reconhecimento, por ter produzido, e sabido formar os Bartholomeus Dias, os Gamas, Albuquerque, Abreus, e Magalhães, que primeiro descobrirão, e navegárão os mares, por onde o dito Hespanhol por elles conduzido, ou ensinado, adquirio direito a semelhante celebridade.

gação das Antilhas, e do mar do Mexico não se podia comparar com os perigos, e extensão daquella dos mares Orientaes. E todavia foi no tempo da união de Portugal á poderosa Monarquia Hespanhola, que se confirmou a decadencia do Imperio dos Portuguezes na Asia; sim já abalado antes disso pelos vicios, abusos, e erros, que ordinariamente acompanhão as grandes riquezas, e o orgulho das victorias; mas que as virtudes, os talentos, e façanhas dos Castros, Constantinos, e Ataides davão ainda esperanças de remediar. Só a Revolução de 1640, restituindo os Portuguezes á sua antiga Independencia, podia reanimar as suas forças, e suspender em parte aquelles males. Com effeito, os Colonos do Brazil executarão então o que unidos aos Hespanhoes, não tinham podido conseguir; isto he, expulsarão do seu Continente os Hollandezes allí estabelecidos depois de muitos annos, e aguerridos com a guerra da sua Liberdade. Algumas das nossas Colonias de Africa sorprendidas por hum momento, foram brevemente restauradas: as da India, continuando a serem abandonadas ás suas proprias forças; e além disso sofrendo os males da anarquia, e guerra civil dos seus Governadores, fizeram todavia retardar, e custar mui caro aos Hollandezes o seu estabelecimento naquelles Paizes. A disputa da guerra de Ceilão; a heroica defesa de Columbo, que só succumbe a hum sitio rigoroso que dura oito mezes; Cochim, que só he conquistada depois de cinco annos de bloqueio, e de ataques, fazem ainda reconhecer o caracter militar dos Portuguezes Independentes, e o de que elles seriam capazes, se fossem bem dirigidos.

Taes são os principaes argumentos, que se podem deduzir da experiencia do passado, para refutar a opinião daquelles, que pertendem achar no genio, e caracter das duas Nações, Portugueza, e Hespanhola, a analogia, e disposição necessarias para a sua união civil debaixo de hum só Governo; e que partem deste principio para nos persuadirem a pouca probabilidade de conservarmos por mais tempo a nossa Independencia. Queirão os Portuguezes eruditos, animados pelo verdadeiro patriotismo, desenvolver, e amplificar estes argumentos com a eloquencia digna de hum tal assumpto: eloquencia que falta aos bons desejos, e á pouca instrucção do militar, que não póde fazer mais do que indi-

ca-los como capazes de reanimar os seus Compatriotas, e destruir preocupações, que devem ser a origem de huma inacção defensiva, a mais propria para nos humilhar, e attrair-nos os grilhões, que os nossos antepassados só por meio das armas tem podido evitar! (8) Assim elles farão seguramente hum dos mais importantes serviços á Patria, e ao Soberano, o qual sempre superior a suggestões péfidas, deseja não só a conservação, mas tambem o melhoramento das suas tropas, a pesar daquelles, que as tem procurado aniquilar.

Eu vou agora responder ás razões dos que se fundão na authoridade do General Lloyd, e particularmente na do Author do Systema da guerra moderna, para concluirem das

(8) Parece-me que se podem com razão acusar aquelles dos nossos Sabios, e Artistas mais eminentes, que, possuindo grandes talentos, se tem esquecido de os empregar em monumentos célebres, que tivessem sempre presentes na memoria da Posteridade a idéa dos sentimentos, virtudes, e façanhas, pelas quaes o amor da Independencia tem feito distinguir, e immortalisar a Nação Portugueza.

Outros quaesquer assumptos dedusidos da nossa Historia, não podem ser mais gloriosos, nem produzir efeitos tão importantes. Assim, por exemplo, o monumento dedicado á descoberta, e primeira Navegação dos mares Orientaes, certamente eternizará o heroismo dos nossos antepassados; mas deve tambem fazer a nossa humiliação, todas as vezes que formos considerados mui longe de os imitar.

Pelo contrario, aquelles que testemunhassem a nossa excessiva paixão pela Independencia, deverião fazer a nossa Gloria em todos os tempos, ainda mesmo naquelles em que circumstancias desgraçadas, nos tivessem reduzido a soffrer hum jugo extranho, e oppressor: pois sempre taes monumentos lembrando-nos as proezas feitas pelos nossos antepassados em circumstancias identicas, servirião como de estímulo, que nos excitaria a emprehender outras similhantes; ao mesmo tempo que nos farião respeitar pelas outras Nações, ás quaes elles mostrarião, que, a pesar da apparencia de hum Povo degenerado, ou do abatimento produzido pela mais refinada tyrannia, os Portuguezes são capazes de desenvolver a energia, e os esforços necessarios para defender, ou restaurar a Independencia, e a Soberania dos seus Monarcas.

proprias theorias, e principios actuaes da Arte militar a impossibilidade de sustentarmos com as armas a nossa tão contestada, e tão gloriosa = Independencia Nacional. = Pelas ditas theorias se pertende estabelecer = « 1.º Que o maior » numero de combatentes, ainda que indisciplinado, terá sempre vantagem sobre o menor numero, posto que disciplinado: em consequencia do que, os grandes Estados hão de reunir a si os pequenos, estendendo os seus limites até ás grandes barreiras, ou obstaculos naturaes. 2.º Que, por effeito do mesmo systema da guerra moderna, as sobreditas barreiras devendo tornar impracticaveis, ou mal succedidas as expedições militares, que se fizérem além dellas, isto obrigará por fim os Governos a abandonarem todos os projectos de invasão, e de conquista; do que deve seguir-se a paz perpetua entre os Povos, separados pelos referidos obstaculos, ou limites naturaes.»

Quanto he certo que os genios, ainda os mais superiores, arrebatados pela vehemencia do proprio talento, que lhes faz produzir idéas novas, e importantes, são tambem com facilidade deslumbrados, e transpõem muitas vezes o limite imperceptivel, que nos sofismas costuma separar a verdade do erro! Seguramente, as proposições que acabamos de expor, só pelo seu enunciado não merecerião a pena de se refutarem, senão soubessemos que ha hum grande numero de homens crédulos, facéis de seduzir, por huma logica impostora, ou pela authoridade de nomes respeitaveis, que ordinariamente bastão para lhes fazer adoptar, e seguir as opiniões mais absurdas, e extravagantes. Para prevenir pois todos os meus Compatriotas contra a falsidade destes theoremas, bastará recommendar que se examinem os principios, e o modo, com que elles se estabelecem, e demonstrão; e facilmente se reconhecerá, que os seus Authores fizerão obstracção de hum grande numero de condições, a menor das quaes faz inuteis, ou falsas as consequencias por elles deduzidas. Observar-se-ha por exemplo, que na primeira proposição não se considera mais, do que o numero, e o effeito dos fogos; e se prescindem de todas as outras circumstancias, que influem, ou são necessarias para conseguir, e assegurar os ditos effeitos. Isto ainda poderia ser admittido, se se conservasse, depois da invenção da polvoza, a mesma maneira

de fazer subsistir, marchar, desenvolver, e collocar as tropas para entrar nos combates, que tinha lugar antes do uso das armas de fogo. Mas ninguem ignora, que se a natureza destas ultimas, he que dá hoje, ao maior numero de combatentes, essa pertendida superioridade tão decisiva, tambem he certo que a arte de os dirigir, e empregar se tem feito cada dia mais complicada, e dependente do concurso de muitas disposições, providencias, e innumeraveis combinações, que não podem ser facilmente comprehendidas, ou executadas por quaesquer militares. Mas não he só a influencia, que a habilidade daquelles, que dirigem as acções, deve ter no successo das suas operações, que o author do novo systema da guerra tem desprezado nas suas theorias; elle tambem não conta com as *affecções moraes* das tropas, que muitas vezes (e particularmente nas guerras de Religião, e de Liberdade) bastão para fazer vencedoras as menos numerosas: nem attende ao numero, qualidade, e situação dos obstaculos naturaes, ou artificiaes que podem influir, e fazer variar, ou transtornar as melhores probabilidades, e as mais bem fundadas esperanças sobre a sorte da guerra. Vê-se pois, que he desnecessario produzir argumentos para refutar a generalidade de huma proposição, que se funda em principios tão particulares, e que a pesar da experiencia de pôr contra ella hum tão grande numero de factos, determina, e assegura futuros tão contingentes, e tão remotos.

Quanto á segunda proposição, pela qual se pertende que os grandes obstaculos naturaes virão a ser para o futuro os limites inalteraveis, e ao mesmo tempo capazes de assegurar a paz perpetua dos differentes Estados da Europa, ella he tão futil, e sofisticada como a primeira. Com effeito, todo o homem sensato nunca poderá persuadir-se, quaesquer que sejam as razões allegadas para isso, que a difficuldade de transpôr, ou conservar possessões para lá daquellas barreiras, possa fazer perder aos homens os desejos de se combaterem; pois isto seria ignorar, que a verdadeira origem das guerras existe nos vícios, e fraqueza da natureza humana; seria esquecer que sempre houve, e ha de haver homens justos, e ambiciosos; habéis, e estupidos; activos, e indolentes, que influindo sobre as instituições, costumes, caracter, e governo dos Povos, determinão os differentes modos

da sua existencia civil, e os fazem ora conquistadores, ora conquistados: seria finalmente acreditar, que as Nações, separadas por aquelles limites naturaes, conservarião sempre no mesmo estado, ou na mesma proporção os systemas politicos, que huma vez tivessem adoptado; ou, por outro modo, terião sempre os mesmos conhecimentos, as mesmas paixões, e os mesmos defeitos; pois só assim he que existiria esse equilibrio quimerico da paz perpetua, que se pretende fazer dependente de similhantes obstaculos, e que a variação continua das modificações fisicas, e moraes da especie humana tenderá sempre a destruir.

Parece por tanto, que toda a questão se reduz a saber, se a pesar dos desejos de conquistas, ou do furor das vinganças dos Povos guerreiros, e inquietos, as grandes barreiras naturaes serão capazes de fazerem absolutamente impraticaveis as suas aggressões, e de os conterem sempre nos seus respectivos limites. Ora quaesquer que sejam os principios, e systemas de guerra, que se supponhão, para estabelecer huma tal opinião, sempre será verdade, que as sobreditas barreiras não poderão obstar por toda a parte aquellas invasões, sem a concorrência, e acção das tropas empregadas na sua defesa, as quaes, devendo considerar-se quasi nullas, todas as vezes que forem effeminadas; inhabeis na arte da guerra; mal dirigidas, ou descontentes do seu proprio governo, farão inuteis em taes circumstancias, ou diminuirão consideravelmente as difficuldades, que o terreno póde apresentar a aggressores constituidos, e animados por hum modo inteiramente opposto. Assim a extensão territorial, ou as fronteiras de cada hum dos differentes Estados, devem naturalmente experimentar alterações conformes aos successos finaes das guerras, que os seus Governos emprehenderem; successos que, segundo já observámos, dependem tanto do genio, habilidade, e sentimentos dos combatentes, bem como de outras muitas circumstancias continuamente variaveis. Eis-aqui porque nenhuma dessas barreiras de que se trata, tem sido até agora capaz de embaraçar a invasão, e conquista dos Paizes, que ellas parecem defender, qualquer que tenha sido o uso das armas, e a maneira de fazer a guerra dos differentes tempos. Os antigos Egypcios, os Gregos, e os Persas combaterão-se, e subjugarão-se mu-

tuamente na Africa, na Europa, e na Asia, ainda que separados entre si por muitos desses referidos limites naturaes. Carthago, pequena Colonia de Negociantes, a pesar da imperfeição da Arte de navegar, domina desde a Africa o Commercio do mundo então conhecido, e ameaça a Europa com o seu jugo. Roma, que de hum estado obscuro se eleva sobre os outros Povos da Italia, não pôde ser contida pelo mar, nem pelos famosos rios, e montanhas, que erão mais capazes de auxiliarem os esforços das Nações, que combatião pela sua Liberdade, e as quaes por fim ella reune debaixo do seu dominio. Mas se este Imperio colossal parecia por isso mais invencivel, ou de huma duração perpetua, os vicios, e degeneração do character daquelles que o compunhão, e governavão, bastarão para decidir da sua decadencia, e permittirão a Nações Barbaras, e desconhecidas, que transpозessem todos os obstaculos, para virem completar a sua destruição. Depois os Sarracenos, e os Mouros, atravessando o mar, e os desertos, subjugarão parte da Europa, e Asia. Portugal, a mais pequena dentre as Potencias modernas, faz conquistas em Africa; leva a guerra, e vence as Nações Indianas, separadas por immensos mares, que tambem não são capazes de encobrir por mais tempo, nem livrar do jugo dos Europeos aos habitantes da America. Prescindindo de outros muitos exemplos, acabarei fazendo menção da Italia moderna, que a pesar do mar, e das grandes montanhas que a cercão, tem estado sempre á discrição dos estrangeiros; e não só os Francezes, e Alemães seus visinhos a tem dominado, mas até os Hespanhoes, muito mais distantes, alli tem feito conquistas, e conservado possessões.

Taes são as contradicções de huma opinião desmentida pela experiencia de todos os tempos, e que só nos promete hum futuro, que, ainda quando fosse possivel, os successos do presente de nenhum modo annuncião tão proximo, como se pertende. Bem pelo contrario observamos, que a arte de facilitar as operações militares atravez das grandes barreiras naturaes, se tem aperfeiçoado nos nossos dias, não obstante os embaraços proprios da natureza das armas, e trens dos exercitos modernos. Assim as monta-

nhas da Suíça, que no tempo de Guilherme Tell, protegerão os seus habitantes contra as forças da Casa de Austria, não poderão ultimamente impedir a invasão dos Francezes feita em outras circumstancias, e com outros meios. Na guerra da revolução vimos, que os diques da Hollanda, o Reno, o Danubio, e o Pó forão atravessados mais facil, e frequentemente do que nas guerras anteriores. Os Alpes forão obrigados a dar passo a hum Exercito com todo o seu trem, por lugares que se julgavão absolutamente impracticaveis para expedições de tal natureza. Depois da paz de Luneville, as communicações atravez destas famosas montanhas tem sido ainda extraordinariamente facilitadas. Em huma palavra, a guerra levada, nos nossos dias pelos Francezes ao Egypto, ás fronteiras da Polonia, da Hungria, e á Dalmacia, são outros tantos exemplos, que nos fazem reconhecer, que o genio, a habilidade, ou a traição, se tornão cada dia mais capazes de destruir, e inutilisar as difficuldades, que apresentam esses grandes obstaculos naturaes, e que só o genio, o valor, e a fidelidade são hoje (como forão sempre) os obstaculos mais difficeis de vencer.

Não ha pois razão alguma para acreditar-mos que, por exemplo, os Perinicos hajão para o futuro de livrar a Hespanha de qualquer invasão, ainda que os seus habitantes sejam indolentes, ou inhabeis na arte da guerra; e que os seus visinhos por aquelle lado sejam ao mesmo tempo, de hum character inquieto, emprehendedor, activo, e guerreiro. Igualmente não comprehendemos como seja impossivel que os Hespanhoes tornem algum dia a transpôr aquellas montanhas, e fação ainda conquistas sobre a França, se esta ultima se achar consternada pela guerra civil, pela oppressão, ou impericia do seu governó; e aquelles se acharem animados de hum entusiasmo guerreiro, e souberem usar das forças, de que podem dispôr, e que lhes são sobejas, para se fazerem respeitar pelos mais poderosos inimigos. Assim tambem, a pesar de todas as theorias não vemos demonstrado, que a falta de huma grande barreira natural seja hum motivo sufficiente para Portugal perder a Independencia, que por tantos seculos tem conservado sem essa vantagem Geografica; e muito menos ainda, se a Hespanha não for

capaz de aproveitar a superioridade dos seus recursos; e o Governo Portuguez souber empregar os meios simples, e energicos, que o caracter da Nação, a propria natureza do Paiz, e a instrucção lhe podem fornecer. Concluiremos pois, que só por effeito de hum novo sonho do Homem de Bem, ou por desconhecer demasiadamente a natureza humana, e a Historia das revoluções fisicas, e moraes, que costumão influir sobre a sorte dos differentes Imperios, he que se pôde ter enunciado huma opinião, que por hum modo tão decisivo determina a maneira de existir; quero dizer, o caracter, e o grão de instrucção das gerações futuras (9).

Resta agora observar que nem a pequena extensão Geografica do Reino de Portugal, nem a falta de numerario podem ser causas invenciveis da possibilidade da sua defesa. Em todos os tempos se podem apontar exemplos da

(9) Nenhum motivo, nem mesmo a especie de invencibilidade, que nestes ultimos tempos se diz caracterisar as Tropas Francezas, dirigidas por Bonaparte, pôde dispensar-nos de cuidar incessantemente em melhorar o nosso Estado militar; pois isso nada obsta a que a Politica empregue entretanto os seus meios, e recursos para a nossa defesa, ao mesmo tempo que nos preparamos para aproveitar as circumstancias favoraveis para as nossas armas, que o véo, impenetravel do futuro poderá talvez amanhã descobrir, ainda que hoje o não deixe perceber.

Carlos Magno conquistou, e deo as suas leis a huma grande parte da Europa. Mas tôdos sabem que depois da sua morte os seus successores não forão capazes de conservar as Conquistas, nem a gloria que elle tinha adquirido: não será pois extraordinario que o novo Imperio Francez tenha a mesma sorte.

A razão, e a experiencia nos demonstrão que a grandeza dos Estados não basta para os livrar da sua anniquilação, assim como tambem nos fazem reconhecer, que os Povos, cujos Governos, mesmo em épocas desgraçadas, melhor tiverem cuidado nas leis, e administração publica; na disciplina, e instrucção das Tropas; não sómente serão os primeiros, que hajão de fazer cessar a sua oppressão, e os seus incommodos; mas tambem os que poderão tirar o partido mais util, e glorioso, logo que chegue a época da mudança da fortuna, e declinação de poder das Nações conquistadoras.

elevação de pequenos Estados, assim como da ruina, e aniquilação de grandes Imperios. Estes ultimos perecem naturalmente por effeito da ignorancia; da corrupção dos costumes; do abuso das leis, e do máo governo; em quanto os outros se engrandecem, e prosperão por motivos oppostos. Os Gregos, e Romanos, formados por huma legislação sabia, severa, e adequada para os fazer bons Cidadãos, e habeis guerreiros, vencêrão, e subjugarão com a vantagem da disciplina militar a numerosas Nações; mas forão reciprocamente vencidos, e subjugados, quando o luxo, e huma viciosa polidez tinha mudado, e feito degenerar a antiga energia do seu character primitivo. Nos nossos dias, a pesar da influencia do systema da guerra moderna, temos visto a Prussia elevar-se rapidamente a hum estado de grandeza, que cem annos antes pareceria quimerico se alguém o pudesse predizer. A habilidade militar do Grande Frederico; os costumes rigidos, que os seus predecessores havião communicado aos Prussianos, e ao mesmo tempo huma sabia administração, e emprego dos dinheiros publicos, forão as causas naturaes desta elevação. Omittindo outros muitos exemplos de differentes Nações pequenas, que tem chegado a occupar hum lugar distincto entre as Potencias as mais consideraveis da Europa, como Veneza, Hollanda, Inglaterra, &c. acabarei fazendo menção de Portugal, e Hespanha, que são tristes exemplos desta verdade. Todos sabem qual era o estado florescente destes dois Paizes nos seculos decimo quinto, e decimo sexto. Os seus habitantes servião não só de modélo, mas pela sua actividade, sabedoria, e valor inculcavão respeito, e consideração aos seus visinhos. A Hespanha, que chegou a fazer reccar á Europa a perda da sua Liberdade, está hoje reduzida a representar de huma Potencia subalterna, que as outras não temem, e só procurão desfructar. Portugal, aonde no Reinado do Senhor Dom João I. o amor da Patria fez desenvolver as virtudes guerreiras, a industria, e sabedoria, que depois fizerão chegar as suas conquistas, a sua agricultura, e o seu commercio a hum estado poderoso, e florescente, parece agora duvidar se lhe será possível empregar com utilidade os meios militares para a conservação da sua Independencia, que elle

não deve senão a estes meios, desprezando os quaes, se achará entregue á discricção dos seus inimigos; e exposto ao insulto de todas as Nações. Entretanto são estas duas Potencias as que possuem no novo mundo as mais abundantes minas, e immensas producções de grande valor no commercio universal. Se todavia estas riquezas lhes são inuteis; se com ellas Portugal não pôde pagar hum pequeno exercito, nem conservar huma pequena Esquadra, he mais provavel, que a origem da impossibilidade da sua defesa no que respeita a meios pecuniarios, deva antes existir nas causas, que produzem aquelles effeitos tão inconsequentes, e extraordinarios, do que na pretendida falta absoluta, e real dos sobreditos meios.

Mas talvez alguém observe, que, segundo as minhas proprias reflexões, eu convenho em que o actual character dos Portuguezes não he aquelle mesmo, que tinham os seus antepassados, e que por consequencia devo concordar com os que se fundão neste principio, para concluir, que já não podemos esperar a conservação da nossa Independencia por meio das armas. Responderei, que em muito maior abatimento, e em huma situação mais desesperada se achavão esses nossos antepassados nos tempos que precederão as mais brilhantes épocas da gloria Nacional. Omittindo aquellas da historia antiga, só farei menção das principaes da historia moderna. Que dirião os Portuguezes do tempo de ElRei D. Fernando, quando vissem as nossas tropas repetidas vezes batidas; os Reis de Castella óra dando leis na Capital do Reino em 1373; óra sitiando-a em 1384, e o Reino todo na maior desordem, e humiliação? Podia-se por ventura prever, que estas mesmas tropas, desenvolvendo pouco depois huma energica resistencia, havião de destruir as forças, e as esperanças dos seus inimigos na memoravel batalha d' Aljubarrota? Que levarião a gloria, e o terror das armas Portuguezas ás Provincias da Hespanha, e ás Costas de Africa? Que serião estes mesmos Portuguezes os dignos Progenitores dessa multidão de heróes, que estenderão os dominios da Monarquia Portugueza aos Povos desconhecidos das Costas occidental, e oriental de Africa, e ás ricas, e vastas regiões da Asia, e d' America?

Qual era o estado, e recursos dos Portuguezes, que verão debaixo do governo dos Filippes? A que maior jugo, abatimento, ou mais desesperada situação poderemos nós chegar em tempo algum? E todavia não conseguirão esses mesmos Portuguezes estabelecer de novo a nossa Independencia, humilhando, e destruindo com as suas victorias a altivez, e pertenções de hum inimigo tão superior? (10)

(10) O General Lloyd, que viajou no nosso Paiz pouco depois da Campanha de 1762, em huma Memoria manuscrita sobre o estado de Portugal em 1765, huma copia da qual existe no Real Arquivo Militar, em hum artigo em que falla do nosso Exercito, e faz menção da sobredita Campanha, usa das seguintes expressões, que eu achei muito proprias para ajuntar ao que acabei de escrever neste paragrafo.

“ Huma longa, e não interrompida paz, huma cega confiança na amizade, e boa fé dos Hespanhoes, tinham produzido em Portugal hum desprezo completo por tudo quanto pertencia a negocios militares. Nenhuma disciplina regular; nenhuma Artilheria, ou corpo de Artilheiros; nenhuma armas, nem tropas de Cavallaria, ou Infanteria; nenhum Codigo de leis; nenhum homem em todo o Reino capaz de commandar huma Companhia; nenhum que tivesse o menor conhecimento do Paiz, e muito menos do modo de marchar, acampar, e fazer subsistir hum Exercito; nenhuns armazens . . . . &c. tal era a deploravel situação do que em Portugal se chamava Exercito, no tempo da chegada do Conde de Lippe a este Paiz . . . . &c. Porém huma firmeza, e genio superior no Primeiro Ministro, animado por hum verdadeiro espirito patriotico; muita paciencia, sobriedade, e boa vontade no Povo, e hum certo ponto de honra nos Officiaes, que se fosse bem aproveitado, os faria emprehender tudo quanto lisongea esta paixão; são os unicos recursos . . . . &c. Apenas parecerá crível á posteridade, que hum punhado de homens nús, desarmados, e indisciplinados, haja desvanecido, e feito inuteis os projectos, e interpresas de hum grande Exercito, bem provido de todas as cousas, e muitas das tropas do qual, e todos os Officiaes Generaes, tinham feito a guerra; em quanto os Portuguezes tinham apenas hum homem ordinario, ou hum Official, que ti-

Não se pôde dizer que o abatimento, em que hoje se observão o antigo heroismo, o genio, e caracter da Nação, seja huma causa constante, ou hum obstaculo invencivel, que deva fazer-nos perder as esperanças de os tornarmos a vêr elevados ao ponto necessario, para que possão ainda reproduzir os sentimentos, e esforços, com os quaes por tantas vezes, e tão gloriosamente temos conseguido defender, ou restaurar a nossa Independencia. Não cessaremos de repetir, que só a ignorancia, e os vicios costumão ser as principaes, ou verdadeiras causas da decadencia das Nações; mas a ignorancia, e os vicios não são males irremediaveis. Se em 1801 nós observámos que o Exército não correspondia ao que d'elle se esperava, antes nós deveriamos occupar desde esse tempo em descobrir, e fazer cessar as causas desta inutilidade, do que limitar-nos a deplorar a ruina da Patria, exaggerando os perigos, que a ameação, e esperando na inacção da indolencia, e da fraqueza o triste momento da sua anniquilação; procedimento, pelo qual certamente não conseguiremos salva-la, nem fazer-nos dignos successores daquelles dos nossos antepassados, que melhor souberão illustrar, e fazer respeitavel o nome Portuguez em todo o mundo (II).

---

„ vesse visto o Serviço . . . . &c. Assim, pelo que se observa  
 „ da firmeza, e boa vontade das Tropas Portuguezas, os seus  
 „ amigos podem esperar, e os seus inimigos devem temer muito,  
 „ de hum tão paciente, sobrio, obediente, e valoroso Po-  
 „ vo, todas as vezes que elle for disciplinado, e dirigido por  
 „ hum habil Chefe. ”

Tal he o modo de pensar de hum sabio estrangeiro de tanta reputação entre os militares modernos; e que deve fazer entavergonhar aquelles dos Portuguezes, a quem a ignorancia, ou a inconsideração faz attribuir á fraqueza, e ao pequeno numero das nossas tropas a origem da decadencia militar do Estado, e pretendem daqui concluir, que ellas devem ser abolidas, ou desprezadas.

(II) Certamente a nossa ignorancia na Arte da Guerra he huma das principaes causas da pretendida degeneração, e inutili-

Em virtude de huma tal consideração ; isto he , por julgar necessario que todos hajão de concorrer com os meios , conhecimentos , e serviços de que forem capazes , para ajudar o Governo a restaurar a antiga energia do character Na-

---

dade das nossas Tropas. Esta ignorancia nós mesmos a reconhecemos , e publicámos por toda a Europa nas repetidas occasiões em que temos chamado Officiaes , e Generaes estrangeiros para o Serviço , e Commando do nosso Exercito , sem todavia empregar-mos os meios convenientes para evitar-mos em épocas futuras similhante necessidade , e dependencia. Nestes ultimos tempos (\*) em que se tem procurado melhorar a Constituição , e Disciplina das nossas Tropas , a Instrucção Militar não tem sido attendida pelos nossos reformadores ; ou ao menos não tem sido , como deveria ser , o primeiro objecto da sua attenção ; pois , por isso mesmo que os seus resultados não podem ser instantaneos , as medidas , e providencias que lhes são relativas não devem ser demoradas ; mas sim , devem preceder a quaesquer planos de refórma , e melhoramento , que ficarão sempre defeituosos , e inuteis , todas as vezes que não assentarem sobre aquella *base fundamental*.

O *Genio* , he sempre hum raro dom da Natureza ; mas a *Instrucção* , que suppre a falta do *Genio* , muitas vezes o descobre , e o faz desenvolver , ou aperfeiçoa : he então que elle brilha com hum esplendor , ou adquire huma superioridade capaz de excitar a admiração dos Povos. Devemos lembrar-nos , que não foi só pelo seu valor natural que os nossos antepassados praticarão os maiores feitos de armas , mas tambem porque erão dirigidos por chefes habéis na Arte da Guerra , nas Sciencias , e Politica daquelles tempos. Hoje que as operações militares se achão dependentes de hum maior numero de conhecimentos diversos , de providencias , e considerações tão judiciosas , quanto complicadas , he indispermavel , e bem para desejar , que os descendentes dos Gamas , Albuquerquees , Almeidas , Castros , Menezes , Ataydes , &c. se resolvão a recuperar , e se esforcem por adquirir , e propagar a instrucção precisa para fazer uteis , e brilhantes as qualidades guerreiras , que são innatas , e hereditarias na Nação Portugueza.

---

(\*) Note-se que isto foi escrito em 1806.

cional, e a fazer reviver aquella instrucção, e sabedoria, sem a qual as riquezas, os bons desejos, e o valor costumão ficar inutilizados; querendo satisfazer pela minha parte (e quanto o permitem as minhas limitadas forças) a huma obrigação, que tanto interessa o bem publico: por taes motivos eu me resolvo a prescindir dos receios de parecer demasiadamente confiado em mim mesmo, escrevendo as minhas Reflexões sobre o systema da defesa das nossas Fronteiras, com relação á natureza Geografica do Paiz, e segundo os principios geraes da sciencia da guerra; reflexões que, para serem attendidas, eu julguei necessario fazelas preceder do presente Discurso, com o fim de destruir as preocupações, que tem desanimado a Nação, e dado lugar á fatal persuasão, de que era inutil o occupar-nos de semelhantes assumptos. Em huma segunda Memoria, eu procurarei mostrar que a inutilidade do nosso Exercito, he pela maior parte, o resultado dos vicios, e defeitos da sua Constituição; e consequentemente indicarei os meios, que me parecem proprios para a melhorar.

Empregando nestes trabalhos o tempo que me resta das Comissões do Serviço, de que sou encarregado, eu não ousou lisongear-me, de que elles sejam capazes de satisfazer ao fim a que são dirigidos; quero dizer, ao bem, utilidade, e defesa da Patria, e do Soberano; mas elles serão pelo menos hum evidente testemunho dos meus desejos, para que, pelo concurso de semelhantes esforços elle chegue a ser completamente preenchido.

F I M.